Agricultores retomam cultura do algodão no norte de Minas

LUIZ SUGIMOTO sugimoto@reitoria.unicamp.br

Vínculo de lavradores com cooperativa rende ganhos de produtividade

issertação de mestrado apresentada por Josilene Andrade Ramos no Instituto de Economia (IE) mostra como pequenos agricultores da cidade de Catuti, no norte de Minas Gerais, retomaram a cultura do algodão abandonada na região utilizando sementes transgênicas, obtendo ganhos importantes de produtividade e recorrendo, ainda que involuntariamente, a um manejo sustentável. A autora atribui esta retomada da cotonicultura ao vínculo dos agricultores familiares com a Coopercat (Cooperativa de Produtores Rurais de Catuti), integrada a uma rede de colaboradores de natureza diversa que assegura sementes certificadas, mercado para o produto, financiamento e assistência técnica. O estudo intitulado "Algodão: redes, tecnologia e meio ambiente" foi orientado pelo professor José Maria Ferreira Jardim da Silveira, no âmbito do Núcleo de Pesquisas Agrícolas (NEA).

Josilene Ramos informa que participam da Coopercat cerca de cem famílias de 14 municípios da região de Catuti, em áreas plantadas que não passam de 50 hectares cada, caracterizando-as como de pequenos produtores. "No início, em 2006/2007, eram cinco produtores cultivando algodão em 40 hectares; na safra 2009/2010, eram cerca de 366 hectares e 69 famílias, comprovando o sucesso da cooperativa. Eles são bem organizados e contam com uma rede social forte - até por isso o título da dissertação. No título também inseri o meio ambiente, devido à polêmica em torno da questão dos transgênicos: mesmo em Catuti, parte dos agricultores trabalha apenas com sementes convencionais e é contra a presença do transgênico. Isso reforça a peculiaridade da Coopercat."

Segundo a autora da pesquisa, a adoção de variedades geneticamente modificadas, cujo cultivo foi liberado em 2005, tem levado a um crescimento da cotonicultura em todo o país, com aumento da produtividade e sua retomada em antigas regiões produtoras desfavorecidas pela crise dos anos 1980 e 90, que causaram a sua retração. "O projeto de retomada do algodão no norte de Minas Gerais começou no mesmo ano de 2005. Em Catuti, a maioria das famílias do meio agrícola possui vasta experiência na cotonicultura, que na região remonta aos anos 1940. Porém, com a crise ela foi substituída pela criação de gado, cultivo de feijão e por outras atividades menos empregadoras de mão de obra – o que implicou em migração, redução de renda familiar e desativação das unidades de beneficiamento de algodão.'

Josy Ramos descreveu a rede do algodão em Catuti utilizando o programa Netmap, criado pela Schiffer em 2007 e que possui uma vertente qualitativa. Dentre as perguntas feitas ao cooperativado, ela destaca quatro: quais atores estão envolvidos em sua atividade, como se dá a ligação com eles, quão influentes eles são e quais objetivos eles têm. "Chegamos a uma rede com agentes financeiros, comerciais, políticos, de desenvolvimento tecnológico e de proteção ambiental. Não deixa de ser um método subjetivo, mas é baseado em informações de pessoas que estão dentro da rede e têm muito conhecimento sobre ela. Depois, para as análises quantitativas, recorri a outro software, o Pajek."

Compõem a rede de Catuti, além da Coopercat, agentes do setor público como os Ministérios da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e do Desenvolvimento Agrário (MDA), Emater-MG (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), Proalminas (Programa Mineiro de Incentivo à Cultura do Algodão), Embrapa Algodão, universidades e institutos de pesquisa (inclusive a Unicamp) e associações comerciais; do setor

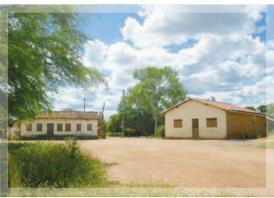
Publicação

Dissertação: "Algodão: redes, tecnologia e meio ambiente"
Autora: Josilene Andrade Ramos
Orientador: José Maria Ferreira Jardim da Silveira

Unidade: Instituto de Economia (IE)



Aspectos da lavoura de algodão e casas de agricultores no município de Catuti: diminuição de custos devido ao menor uso de defensivos





privado estão a Monsanto (que fornece as sementes transgênicas) e a fábrica de fios (que absorve a produção local); e do setor financeiro, a presença da BCI (Better Cotton Iniciative). "Mostro as relações entre os agentes, que podem ser de via simples ou dupla, de apoio, comerciais, financeiras, subsidiárias, normativas e também de conflito – o MDA, por exemplo, pressionou os agricultores a trabalhar com sementes convencionais, mas eles já estavam decididos pelos transgênicos."

As razões para esta decisão, explica a pesquisadora, são a maior produtividade, maior rentabilidade e, principalmente, a diminuição de custos devido ao menor uso de defensivos. Segundo técnicos da Coopercat, enquanto o cultivo de algodão convencional exige uma média de 15 a 17 aplicações de inseticidas e pesticidas, no algodão transgênico a média é de 5 a 7 aplicações. "Isso melhorou a saúde dos produtores, que adoeciam por carregar o equipamento nas costas e aplicar o veneno manualmente. Entra aí a parceria com a BCI, instituição que foca o cultivo do algodão não só em termos de produtividade e qualidade, mas também a forma de manejo e a qualidade de vida do agricultor. O selo da BCI representa uma vantagem competitiva em relação às outras cooperativas e para obtê-lo existe uma série de regras, entre elas o uso de equipamento de proteção individual (EPI)."

Josy Ramos aponta como outro ponto favorável ao meio ambiente a necessidade substancialmente menor de água para o cultivo de algodão transgênico: dados da safra 2012/2013 indicam uma diminuição de 91

mil para 36 mil litros na plantação. "Embora os defensores da semente transgênica acenem com esses dados sobre um manejo mais sustentável, minha dissertação deixa evidente que a questão ambiental, ainda que seja uma preocupação, não é o que norteia a ação dos agentes desta rede. O interesse da maioria é econômico: aumentar a produtividade e rentabilidade dos pequenos agricultores. A sugerida proteção ao meio ambiente com o uso de transgênicos, para eles, é um beneficio marginal; o primeiro norte é colocar comida na mesa."

Conforme verificou a autora do estudo, é fato que a Coopercat está utilizando sementes certificadas (Nu Opal, Dp 90 B e Delta Opal), quando um grande problema no Brasil é a existência de um mercado pirata – estimase que 56% das sementes sejam importadas ilegalmente. "A adoção de sementes certificadas fez diminuir consideravelmente a ocorrência de pragas de lagartas, antes frequentes na região. Os resultados obtidos pelos produtores cooperados têm incentivado a entrada de novos associados a cada safra, enquanto os pioneiros na atividade estão aumentando sua área de cultivo e, com as sobras geradas, optando por comprar mais terras a fim de expandir a sua produção."

Custos e produtividade

Analisando os dados da safra 2007/2008, a pesquisadora observou que a maioria dos agricultores da Coopercat teve custos de produção variando entre R\$ 4,8 mil e R\$ 6,8 mil,

Foto: Antonio Scarpinetti

Josilene Andrade Ramos, autora da dissertação: "Eles são bem organizados e contam com uma rede social forte"

sendo que apenas três ultrapassaram os R\$ 20 mil. Em 2007, o gasto médio foi de R\$ 10.500 para uma área de 4,5 hectares, mas com valores extremos de R\$ 871,00 e de R\$ 25,6 mil. "A diferença de custos resulta das dimensões das propriedades, do uso de defensivos e de pagamento de mão de obra no plantio e na colheita. Outra variável é que mesmo entre os menores produtores, havia aqueles mais abertos à nova tecnologia dos transgênicos e outros que preferiram plantar menos para ver qual seria o resultado."

Josy Ramos atenta que o gráfico referente à safra 2009/2010 (quarto ano de implementação do projeto de retomada do algodão no norte de Minas Gerais), mostra um aumento no nível de custos, com a maioria dos produtores gastando entre R\$ 8 mil e R\$ 12 mil. "Temos maior número de produtores e de áreas cultivadas, assim como do nível de custos, mas todos progrediram em termos de produtividade. Esse coeficiente de variação mostra que os cooperativados são mais homogêneos em produtividade, o que não deixa de ser curioso, já que os custos são heterogêneos. Isso podéria nos levar a pensar que a adoção dos transgênicos faz com que a produção entre eles seja equivalente, o que é bom sinal."

A autora da pesquisa também avaliou o relacionamento dos cooperados da Coopercat dentro da rede e constatou que há, efetivamente, uma gama extensa de colaboradores de diversas naturezas que asseguram um mercado, financiamentos e informações, mas também que as relações podem ser mais densas. "Eles reclamam, por exemplo, que a assistência técnica da Emater é mais direcionada a produtores de algodão convencional. A interação se dá majoritariamente com agentes públicos como a própria cooperativa, Embrapa Algodão, Prefeitura de Catuti e Mapa. Cada agente da rede se relaciona no máximo com outros doze agentes, o que representa 33% das relações possíveis. É possível melhorar."

Com um volume médio próximo de 1,7 milhão de toneladas de pluma nas três últimas safras, o Brasil se coloca entre os cinco maiores, produtores mundiais, ao lado de China, Índia, EUA e Paquistão. Mas, apesar do ressurgimento da cotonicultura em diversas regiões do país, Josy Ramos observa que o cenário ainda é de grande disparidade produtiva entre regiões como Centro-Oeste e Nordeste. "A desigualdade tem como maiores vetores o nível de escolaridade e o acesso à tecnologia e assistência técnica. Ainda que os agricultores familiares disponham de tecnologias, a dificuldade está na capacidade de inovar. Por isso, a criação de redes sociais tem se mostrado uma alternativa para melhorar este acesso."

Assistência técnica

Nas entrevistas, a pesquisadora constatou que os próprios agricultores reconhecem a falta de formação – a maioria praticamente não teve contato com a escola – como umas das principais barreiras que enfrentam. "Às vezes, não adianta o técnico apenas levar a semente transgênica e explicar suas características; é preciso acompanhar todo o processo, mostrar os cuidados para uma maior produtividade e orientar, por exemplo, sobre o refúgio (área delimitada para evitar o cruzamento com espécies convencionais). Uma das conclusões e críticas da dissertação é que a assistência técnica precisa ser aprimorada, pois se não for bem feita, isso vai impactar na produção do pequeno produtor. Diria que está se fazendo um investimento com pouco retorno."

De qualquer forma, o histórico de Catuti que Josy Ramos inseriu na dissertação mostra uma evolução importante do município que no Censo de 2010 registrava 5.102 habitantes (42% na área rural): o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), que era de 0,413 no ano 2000, considerado muito baixo, atingiu a marca de 0,621 em 2010, fazendo com que o município seja classificado como de desenvolvimento humano médio. "Nós da cidade grande pensamos que os pequenos agricultores vivem em condições ruins, sem acesso a nada. Visitei casas pequenas e modestas, mas bem montadas, com eletrodomésticos como máquina de café, filhos na faculdade e motocicletas. Vivem humildemente, mas com tudo que precisam."